

literatura sobre metáfora: “A metáfora é ... a própria substância da poesia”; sem ela, “não haveria ponte que permitisse a travessia da verdade menor do que é visto para a verdade maior do que não se vê.”⁷⁶

O descobridor desse instrumento originalmente poético foi Homero, cujos dois poemas estão cheios de todos os tipos de expressões metafóricas. Escolho em um *embarras de richesses* a passagem da *Ilíada* em que o poeta compara o açoite violento do medo e da dor do coração dos homens com o açoite dos ventos que chegam de várias direções nas águas do mar.⁷⁷ Pensem nessas tempestades já tão conhecidas, parece nos dizer o poeta, e compreenderão a dor e o medo. É bastante significativo que a coisa não funcione ao contrário. Pode-se pensar à vontade acerca da dor e do medo sem que se chegue a descobrir qualquer coisa sobre os ventos e o mar; a comparação tem a intenção clara de contar o que o medo e a dor podem fazer ao coração humano, isto é, tem a intenção de iluminar uma experiência que não aparece. A irreversibilidade da análise distingue-a nitidamente do símbolo matemático utilizado por Aristóteles na tentativa de descrever a mecânica da metáfora. Por mais feliz que seja o achado de uma metáfora na expressão de uma “semelhança perfeita” de relação entre duas “coisas completamente diferentes”, e por maior perfeição — já que A não é obviamente o mesmo que C, e B não é o mesmo D — que a fórmula $B:D = D:C$ possa ter na expressão dessa semelhança, a equação de Aristóteles implica reversibilidade — se $B:A = D:C$, $C:D = A:B$. O que se perde no cálculo matemático é a função real da metáfora, a volta ao mundo sensível que ela proporciona ao espírito com a finalidade de iluminar suas experiências não-sensíveis, e para as quais não há palavras em qualquer língua. (A fórmula aristotélica funcionou porque lidou apenas com coisas visíveis, e, na verdade, foi aplicada não à metáfora e a seu transporte de um domínio para outro, mas sim a *emblemata*, e os emblemas são já ilustrações visíveis de algo invisível — a taça de Dionísio, um ideograma da disposição festiva associada com o vinho; o escudo de Ares, um ideograma da fúria da guerra; a balança da justiça nas mãos da deusa cega, um ideograma da Justiça, pesando as ações sem considerar os agentes. O mesmo se dá com analogias esgotadas, transformadas em expressões idiomáticas, como no caso do segundo exemplo de Aristóteles: “A velhice (D) está para a vida (C) assim como o anoitecer (B) está para o dia (A).”

É claro que há na *linguagem comum* uma enorme variedade de expressões figurativas que se assemelham às metáforas sem que venham a exercer a verdadeira função delas.⁷⁸ São simples figuras de linguagem, mesmo quando usadas por poetas — “branco como marfim”, para ficar com Homero —, e são também muitas vezes caracterizadas por uma transferência — quando algum termo pertencente a uma classe de objetos é remetido a outra classe; é assim que falamos no “pé” de uma mesa, como se fosse parte de um homem ou de um animal. Aqui a transferência se dá em um mesmo domínio dentro do “gênero” dos visíveis, e aqui a analogia é de fato reversível. Mas não é sempre o caso, mesmo quando se trata de metáforas que não apontam diretamente para algo invisível. Homero nos dá um outro tipo mais complexo de metáfora estendida ou símile, a qual, deslocando-se entre os visíveis,

aponta para uma história oculta. Por exemplo, o famoso diálogo entre Ulisses e Penélope, logo antes da cena do reconhecimento, em que Ulisses, disfarçado de mendigo e contando “muitas coisas falsas”, diz a Penélope que hospedara seu marido em Creta. Relata-se a maneira como “as lágrimas corriam” enquanto Penélope ouvia, e “seu corpo se ia derretendo como a neve derrete nas altas montanhas, quando ali sopram o Zéfiro, espalhando-a, e quando é derretida pelo Euro, fazendo transbordar os rios. Assim corriam as lágrimas pelas belas faces de Penélope, enquanto chorava por um marido que ali estava, sentado junto dela.”⁷⁹ Aqui a metáfora parece combinar apenas os visíveis; as lágrimas nas faces não são menos visíveis do que a neve que derrete. O invisível que se faz visível na metáfora é o longo inverno da ausência de Ulisses — a indiferença sem vida e a dureza oculta daqueles anos — que, agora, aos primeiros sinais de esperança por uma vida renovada, começa a abrandar-se. As lágrimas em si expressam apenas o pesar; seu significado — os pensamentos que produziam essas lágrimas — manifesta-se na metáfora da neve derretendo e amaciando a terra antes da primavera.

Kurt Riezler, o primeiro a associar “o símile homérico com o início da filosofia”, insiste na *tertium comparationis* necessária a qualquer comparação, que permite “ao poeta perceber e tornar conhecida a alma como mundo e o mundo como alma.”⁸⁰ Por trás da oposição entre mundo e alma, deve haver uma unidade que torne possível a correspondência, uma “lei ignorada”, com diz Riezler, citando Goethe, presente tanto no mundo dos sentidos quanto no domínio da alma. É a mesma unidade que reúne todos os opostos — dia e noite, luz e escuridão, frio e calor —, cada um dos quais inconcebíveis em separado, impensáveis a não ser quando misteriosamente relacionados à sua antítese. Tal unidade oculta torna-se, segundo Riezler, o tópico dos filósofos, a *koinos logos* de Heráclito, a *hen pan* de Parmênides; a percepção dessa unidade distingue a verdade do filósofo das opiniões dos homens comuns. E, a título de reforço, Riezler cita Heráclito: “O deus é dia-noite, inverno-verão, guerra-paz, saciedade-fome [todos os opostos, ele é o *nous*]; ele se modifica assim como o fogo, quando misturado aos aromas, é nomeado pelo perfume que a ele se mistura.”⁸¹

A filosofia — é razoável admitir — foi à escola de Homero para imitar-lhe o exemplo. E a tendência para admitir isto é ainda mais reforçada pelas duas primeiras, mais famosas e influentes parábolas do pensamento: a viagem de Parmênides aos portões do dia e da noite e a parábola da caverna de Platão, sendo que a primeira é um poema e a segunda é essencialmente poética, impregnada pela linguagem homérica. Isso no mínimo sugere que Heidegger estava certo quando chamou a poesia e o pensamento de vizinhos próximos.⁸²

Tentando agora examinar mais de perto as várias formas de que a linguagem dispõe para estabelecer uma ponte sobre o abismo entre o domínio do invisível e o mundo das aparências, podemos oferecer, provisoriamente, a seguinte descrição geral: da sugestiva definição aristotélica da linguagem como “emissão sonora e significativa” de palavras que já em si são “sons com significado” que “se